

31-07-2020

## O abandono e a sabedoria do cuidado

### Rossel Lyra Desmond

[Antropóloga. Indigenista]

Abandono é uma palavra gentil para um governo facínora. Ricardo Salles, um nome para não ser esquecido na galeria do crime, ministro do meio-ambiente, propôs aproveitar o morticínio da pandemia do Covid-19 para passar a boiada e completar a devastação ambiental com os índios incluídos. Só que quando ele propôs isso, a boiada já estava passando. Nos primeiros meses da pandemia, o governo acelerou os atos de liberação geral, segundo sua lógica devastadora ([veja](#)). Perde o Brasil, perdemos todos, mas perdemos, principalmente, os índios. Mas, índios são índios. As tentativas de exterminá-los apenas continuam. Algumas etnias se perderam no caminho da ignomínia, mas muitas outras resistem. E resistem nos ensinando o que é o cuidado diante do abandono. Diante do abandono que pela constituição do nosso país é crime.

Estamos cansadas, nós mulheres que amamos os índios por missão, de falar desse governo desqualificado. Vamos falar do que é o cuidado que os índios nos ensinam diante do abandono que lhes impõem. As mulheres índias possuem a sabedoria milenar do cuidado. Nossa estirpe de mulher brasileira se orgulha de ter em nossas mãos a capacidade de cuidar que as índias nos legaram.

Depois, pouco a pouco, fomos aperfeiçoadas pelas mulheres escravas negras. Enquanto as mulheres brasileiras da nobreza abriam mão do cuidar para compor a elite brasileira que nos oprime até hoje, as mãos e os seios negros, cuidavam das crianças “nobres”. Mulheres índias nos legaram o saber cuidar, mulheres negras escravas nos legaram o cuidado, apesar do sofrimento e humilhação. Durante o abandono da pandemia, as mulheres índias mais uma vez nos ensinam como cuidar. Meninas índias aprendem a cuidar, desde cedo. Ajudam no roçado, no preparo da comida, aprendem sobre a floresta e as plantas medicinais e cuidam dos curumins, ainda pequeninos. O Departamento de Mulheres Indígenas da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, lidera a **Campanha Rio Negro, Nós Cuidamos!**



Mercedes Baré produzindo máscaras para a campanha

Elizângela da Silva, da etnia Baré, uma das coordenadoras, em agradecimento às parcerias do Instituto Socioambiental, Greenpeace entre outras, deu seu depoimento emocionado.

**“Não tenho palavras para agradecer. Porque, por meio de vocês, podemos chegar a várias etnias, povos e regiões.**

**Podemos estar junto do povo Baniwa, Coripaco, Yanomami, Kubeo, Desano, Tariano, Tukano, Piratapuaia, Wanano, Dâw, Hupd’ah e outros. Todos os 23 povos que temos aqui na região. Podemos estar junto com eles lutando contra esse vírus invisível”** ([veja](#))

O que o atual governo brasileiro não faz, as mulheres índias fazem. Um governo que descumpra seu papel, omite-se frente à Constituição Federal, estimula a invasão de terras indígenas e, com isso, o extermínio étnico, e, por fim, abandona seu povo à própria sorte merece o nosso mais profundo desrespeito e aversão.

**As guerreiras nessa foto, essas sim, merecem o nosso mais profundo respeito, carinho e gratidão.**



Elizângela conclui: **“Sabemos que essa é uma luta longa. Precisamos ajudar nossas mulheres, nossas comunidades.**

**Ainda precisamos levar alimentos, produzir mais máscaras, informar e defender os direitos dos nossos parentes. Perdemos quase 50 pessoas pra Covid-19 aqui na nossa região e não queremos ver mais mortes e sofrimento.”**

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*